

## MANEJO DE SUÍNOS NO PERÍODO DA MATERNIDADE E CRECHE

CAMILA DE CAMARGO SILVA<sup>2</sup>, NATÁLIA DE CAMARGO SILVA<sup>2</sup>, LUIZ PAULO MARTINS FILHO<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Discentes do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Octávio Bastos – UNIFEOB.

<sup>3</sup>Docente da disciplina de clínica médica e cirúrgica de grandes animais do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Octávio Bastos – UNIFEOB.

**RESUMO:** Com o passar do tempo a criação de suínos veio conquistando grande espaço no mercado e com essa ampliação passou-se a priorizar o bom manejo visando sempre o bem-estar animal, tais ações têm tido grande impacto nos resultados da produção, especialmente na suinocultura. As fases da maternidade e creche quando são afetadas de forma negativa desencadeiam uma queda significativa na produtividade e por conseguinte um prejuízo econômico. A falta de atenção a determinados detalhes, como àqueles inerentes à nutrição e ao manejo podem comprometer a eficiência da produção. Quando o animal é sujeito a um ambiente estressante, a taxa de mortalidade se eleva e conseqüentemente há um decréscimo na produtividade e prejuízo econômico.

Palavras-chave: Bem-estar, creche, ambiência, maternidade, suínos.

### INTRODUÇÃO

A fase chamada de maternidade suína abrange o período entre o pré-parto até o desmame dos leitões. O manejo inadequado nesta fase reflete no subdesenvolvimento do animal até o momento do abate. Um manejo que não vise o bem-estar e a ambiência animal é capaz de gerar prejuízo em efeito cascata. Em uma granja onde o bem-estar e a sanidade são afetados, custos adicionais de mão-de-obra e menor funcionamento da produção serão observados (RIBAS; DIAS; LUDTKE, 2018). No entanto, cientificamente, o manejo é avaliado por diversos ângulos já que as definições de bem-estar levam em consideração um conjunto de conceitos que incluem: homeostasia (equilíbrio das funções fisiológicas), estados mentais e físicos (como prazer, dor e felicidade) (SARUBBI, 2014). Enquanto a ambiência refere-se às relações entre o animal e o ambiente que o cerca (SOUZA et al., 1992), ou seja um conjunto das condições do meio ambiente que influenciam no comportamento e no desempenho dos animais e na lucratividade do setor.

O nascimento é uma situação estressante para o indivíduo e o estresse é incompatível com o bem-estar, dessa forma então é importante trabalhar para que o animal estabeleça a homeostasia o mais rápido possível (SARUBBI, 2014).

A fase da creche é crítica, necessitando de cuidados com a nutrição e aspectos sanitários e imunológicos. É um momento de grande estresse ao leitão, já que é feita a separação materna, transição da alimentação líquida para a ração, transporte, mudança do ambiente, conflitos sociais de convívio e também manejos dolorosos (NEVES et al., 2016) como a castração cirúrgica dos machos, corte da cauda, corte ou desgaste dos dentes e identificação dos animais.

O ambiente é uma das causas mais importantes que interfere na produção dos suínos, levando em conta que o equilíbrio térmico é de extrema importância na produção animal e pode ser apontado como o responsável caso haja um baixo desenvolvimento dos animais (MOSTAÇO et al., 2015).

Portanto, objetivou-se com esta revisão analisar as formas de manejo que proporcionam ambiência aos animais, buscando como consequência um bom resultado final na produção.

### REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A produção de suínos no Brasil progrediu significativamente nas últimas décadas, com isso o manejo voltado ao bem-estar dos animais vem sendo priorizado com a finalidade de diminuir o estresse em uma fase na qual os leitões e matrizes estão sujeitos a manejos intensos. Entender quais condições podem proporcionar conforto adequado aos animais é primordial para uma boa produção (RIBAS; DIAS; LUDTKE, 2018).

Comportamentos anormais durante o parto são relatados em ambientes estressantes, como um grande período de tempo em pé ou a rejeição dos leitões, algo que pode levar a agressividade, mordidas e até mesmo o infanticídio. A rejeição dos filhotes se dá por uma interferência na quantidade de ocitocina circulante no sangue, sendo mais observado em primíparas (HARRIS; LI; GONYOU, 2003).

A medida em que a literatura científica passou a entender o manejo das fêmeas, buscaram amenizar a privação de movimento sobre o parto. Ainda hoje, na maior parte do mundo, as matrizes são hospedadas em celas individuais durante a fase do parto e lactação. Contudo, em alguns locais já é exigido instalações diferentes para os animais ou, ao menos, o fornecimento de material para aumentar as atividades da fêmea durante o período de parto (RIBAS; DIAS; LUDTKE, 2018). A Diretiva Europeia 2008/120 EC obriga a distribuição de algum material para que as porcas possam confeccionar seus ninhos, a não ser que o sistema de dejetos seja incompatível. Estes materiais incluem palha, serragem papel picado ou capim seco.

Depois do nascimento dos leitões, as glândulas mamárias produzem cerca de um a três litros de colostro que é um tipo de secreção amarelada que antecede ao leite e que é rica em nutrientes e anticorpos, visto que a placenta da fêmea suína é do tipo epitélio corial, cuja não permite a passagem de anticorpos aos leitões durante a gestação. Fato que torna indispensável a garantia da ingestão do colostro para reduzir a mortalidade. As leitegadas tem sido muito numerosas, algo a se fazer é marcar nos leitões o número da ordem de nascimento com um bastão, isso facilita na identificação de qual leitão já ingeriu o colostro e qual precisa de uma atenção maior para a ingestão do mesmo. Uma prática a ser evitada, porém se torna necessária às vezes em razão ao grande número de leitões nascidos é a transferência de leitões entre leitegadas para que se possa homogeneizar o número de leitões com o número de tetos das fêmeas. Nestes casos a transferência deve ser realizada de 12 horas até no máximo 36 horas após o nascimento para evitar a formação de hierarquia pela leitegada. É nesse processo de hierarquia que é definido os tetos que cada leitão irá ocupar durante toda a fase de lactação. Outro ponto determinante para a saúde e o bem-estar do animal nas suas primeiras horas de vida é a cura do umbigo (RIBAS; DIAS; LUDTKE, 2018), a secagem do animal com pó secante, para que ele tenha uma menor perda de sua temperatura corpórea e também a administração de ferro por via parenteral já que a concentração desse mineral presente no leite materno e a transferência placentária é baixa e após a utilização do sistema de confinamento, os suínos ficaram privados do acesso ao solo de onde eles desfrutavam do elemento necessário ao organismo. A aplicação do ferro é essencial para evitar que haja o surgimento da anemia ferropriva, leitões anêmicos tem um mal desenvolvimento por conta do péssimo aproveitamento dos alimentos, tornando-se então mais propensos a infecções secundárias. É considerado suficiente uma única aplicação de 200 mg de ferro (BONETT; MONTICELLI, 1998).

No decorrer dos primeiros sete dias de vida dos leitões eles são submetidos a uma série de procedimentos como castração cirúrgica dos machos, corte da cauda, corte ou desgastados dentes caninos e primeiro pré-molares, além da identificação dos animais que pode ser realizado de diferentes modos, como mozza, tatuagens ou brincos. A princípio desenvolvidas por questões sanitárias e para a prevenção de possíveis problemas no bem-estar animal (MARCHANT-FORDE et al., 2014), tais práticas vêm sendo cada vez mais questionadas pela moderna literatura de BEA (Bem-Estar Animal), pois se mostraram invasivas e cruentas, provocando dor e trauma aos leitões (DIAS, 2018). Do ponto de vista do bem-estar animal, trata-se de procedimentos que devem ser efetuados em último caso e sempre de forma rápida, segura e com os equipamentos corretos, visando reduzir a dor e proporcionar uma recuperação mais rápida dos animais. Seja qual for o procedimento, os animais devem ser contidos pelo menor período de tempo possível. O simples ato de remover e segurar os leitões causa alteração em seus níveis de cortisol, causando estresse imediato. Estudos mostram que o estresse ocasionado pela contenção é tão forte quanto o que é causado pelos diversos processos de manejos dolorosos. Sendo assim, os leitões devem ser pegos somente quando necessário (RIBAS; DIAS; LUDTKE, 2018).

O desmame é efetuado de forma súbita, com a separação definitiva da matriz e de seus filhotes de 21 a 28 dias após o parto, é uma fase crítica do manejo em suínos, pois o leitão é separado da mãe, e é alojado com outros leitões que não fazem parte da mesma ninhada, o que provoca brigas para determinar uma nova hierarquia, mudança na dieta, além de ter que se adaptar a um ambiente novo e com um manejo diferente. Esses fatores são

estressantes para os animais e podem levar a uma queda no desempenho dos mesmos (SOBENSTIANSKY; BARCELLOS, 2012). Nessa fase, é imprescindível que os animais sejam hospedados em ambientes adequados, assegurando a máxima expressão produtiva, juntamente ao bem-estar animal. Assim sendo, o manejo, as instalações e o ambiente devem estar devidamente adequados, sendo que na fase da creche, os leitões ainda precisam de um ambiente aquecido (NÄÄS; CALDARA; CORDEIRO, 2014). A faixa de conforto térmico ambiente para o leitão se dá entre 32 e 34°C nos primeiros dias de vida, já para a matriz esta faixa é de 16 a 21°C (SOBESTIANSKY et al., 1987). A temperatura do ar correta nas duas primeiras semanas de alojamento na creche é de 24°C (KUMMER et al., 2009). É extremamente importante que seja feito o aquecimento nesta fase com a finalidade de impedir que os animais sejam submetidos a estresse por frio (BARROS, 2014), já que esse é o período de maior dificuldade para os leitões manterem a temperatura ideal. A partir da terceira semana até o final dessa fase da creche, a temperatura deve ficar em torno de 20°C (NÄÄS; CALDARA; CORDEIRO, 2014). Quando a temperatura é mantida dentro destes valores, evita-se que os nutrientes absorvidos sejam gastos em prol de manter a temperatura corpórea, uma vez que todos os nutrientes devem ser utilizados para um adequado crescimento dos animais, portanto nessa fase da creche de maneira alguma a temperatura do ar pode estar acima de 31°C ou abaixo de 8°C (NÄÄS; CALDARA; CORDEIRO, 2014).

A aferição da temperatura ambiente deve ser feita a partir do controle executado com um termômetro de máxima e mínima dentro de um período de 24 horas (KUMMER et al., 2009). Na fase da creche, a forma de instalação adequada é aquela na qual os leitões não tenham contato com os dejetos, onde o piso deve permitir que haja um escoamento dos mesmos (CAMPOS et al., 2008). A umidade deve ser mantida em 70% no máximo, já que umidade em excesso prejudica o desempenho dos animais. Esse parâmetro é de grande importância, pois age como simplificador ou como complicador dos mecanismos de dissipação do calor por meio da evaporação. (SAMPAIO et al., 2004).

As condições ambientais ideais nas instalações podem ser obtidas através do manejo de limpeza e desinfecção instituído em cada granja, cuja finalidade é proporcionar ao animal um estado de ambiência em um local limpo, com uma qualidade boa do ar e com a temperatura correta para cada fase. A limpeza pode ser feita todos os dias somente com uma vassoura para que não haja o acúmulo de dejetos, após os animais desocuparem as instalações é importante que as mesmas sejam lavadas e desinfetadas. Se o animal se encontra em um ambiente com baixa qualidade do ar por exemplo, ou seja, com concentrações de vapor d'água, amônia, gás carbônico, gás sulfídrico e/ou poeiras, que ultrapassem os limites aceitáveis, fica ainda mais difícil atingir um padrão adequado de bem-estar e ambiência.

O desempenho dos suínos, como a eficácia alimentar, mostra melhores resultados quando os mesmos são mantidos dentro da zona de conforto térmico. No geral, o desempenho produtivo dos leitões na fase da creche sofre interferência quando o ambiente térmico está inadequado, levando a redução de ganho de peso, conversão alimentar ruim e também pode haver uma elevação nas taxas de mortalidade (BARROS, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo visando o bem-estar dos animais na fase da maternidade e creche tem grande impacto na produção até o momento do abate, animais que estão sujeitos a estresse o tempo todo demonstram uma queda no desempenho e um aumento na taxa de mortalidade, sendo assim a ambiência é indispensável para se obter bons resultados finais na produção.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

BARROS, J.S.G. **Avaliação de duas tecnologias de controle para acionamento de sistema de aquecimento resistivo em creche suína**. 120f. (Dissertação de mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 2014. 94 p.

BONETT L. P.; MONTICELLI C. J. (Ed.). **O produtor pergunta, a EMBRAPA responde**. 2. ed. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 1998. 247 p.

CAMPOS, J. A. et al. Ambiente térmico e desempenho de suínos em dois modelos de maternidade e creche. **Revista Ceres**, v. 55, n.3, p 187-193, 2008.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. European Commission Directiva 2008/120/CE do Conselho de 18 de dezembro de 2008 relativa às normas mínimas de proteção de suínos.

DIAS, C. P. et al. Bem-estar de matrizes e leitões na maternidade. **Revista Porkworld**, ed. 108, p 36 - 43, 2018.

HARRIS, M. J.; LI, Y. Z.; GONYOU, H. W. Savaging behaviour in gilts and sows. **Canadian Journal of Animal Science**, v. 83, n.4, p. 819-821, 2003.

KUMMER, R. et al. Fatores que influenciam o desempenho dos leitões na fase de creche. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 37, n.1, p. 195-209, 2009.

MARCHANT-FORDE, J. N. et al. Postnatal piglet husbandry practices and well-being: the effects of alternative techniques delivered separately. **Journal of animal science**, v. 87, n.4, p. 1479- 1492, 2009.

MOSTAÇO, G. M. et al. Determination of piglets' rectal temperature and respiratory rate through skin surface temperature under climatic chamber conditions. **Engenharia Agrícola**, v. 35, n.6, p. 979-989, 2015.

NÄÄS, I. A.; CALDARA, R. F.; CORDEIRO, A. F. S. Conceitos de Ambiência na definição de instalações em suinocultura. In: FERREIRA, A. H. et al. (Coord.). 1. ed. **Produção de suínos: Teoria e Prática**. Brasília: ABCS, 2014. p. 869-876.

NEVES, M. F. et al. A produção no Brasil – sistemas e modelos de produção. In: NEVES, M. F. et al. **Mapeamento da suinocultura brasileira**. 1. ed. Brasília: ABCS, 2016. p. 113.

RIBAS, J. C.; DIAS, C. P.; LUDTKE, C. B. **Maternidade suína**: boas práticas para o bem-estar na suinocultura. Brasília: MAPA, 2018. 42 p.

SAMPAIO, C. A. P. et al. Avaliação do ambiente térmico em instalação para crescimento e terminação de suínos utilizando os índices de conforto térmico nas condições tropicais. **Revista Ciência Rural**, v. 34, n.3, p. 785-790, 2004.

SARUBBI, J. Técnicas de manejos voltadas para o BEA em suínos. In: FERREIRA, A. H. et al. (Coord.). **Produção de suínos: teoria e pratica**. 1. ed. Brasília: ABCS, 2014. p. 146-155.

SOBESTIANSKY, J. et al. **Efeito de diferentes sistemas de aquecimento no desempenho de leitões** (Comunicado Técnico). INFOTECA-E, Embrapa Suínos e Aves, 1987. 3

SINGH, C. et al. The behaviour and welfare of sows and piglets in farrowing crates or lactation pens. **Journal animal**, v. 11, n.7, p. 1210-1221, 2017.

SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. **Doenças dos Suínos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012. 959 p.

SOUZA, C. F. et al. Eficiência de diferentes tipos de bezerreiros, quanto ao conforto térmico, na primavera e no verão em Viçosa-MG. **Engenharia na Agricultura–Série construções rurais e ambiência**. v. 01, n.01, p. 1-12, 1992.